

AS ESCOLAS DE SAMBA E OS DOIS CIRCUITOS DA ECONOMIA URBANA NA CIDADE DE SÃO PAULO

Vanir de Lima Belo - Universidade de São Paulo - vanirbelo@usp.br

A compreensão das grandes cidades do mundo subdesenvolvido passa pela análise de seus mais diferentes aspectos — políticos, econômicos, sociais e culturais — o que permite o conhecimento de suas especificidades e semelhanças, e leva ao esclarecimento de sua situação no contexto mundial.

Na atual fase de desenvolvimento do capitalismo, ao contrário do que se busca difundir com o discurso da globalização, aprofundam-se as desigualdades entre as nações e, nos territórios nacionais, há o agravamento das desigualdades regionais e de classes sociais. Isto se evidencia quando se observam, por exemplo, as relações de poder econômico e político, ou se comparam os dados sociais ou de acesso aos bens culturais. E é nas grandes cidades, como São Paulo, que os paradoxos gerados pelo processo de desenvolvimento do sistema saltam aos olhos.

São Paulo, assim com as demais grandes cidades do mundo subdesenvolvido, apresenta uma série de problemas sociais. Dentre eles pode-se citar o aumento do desemprego e do subemprego (resultado das inovações tecnológicas e das novas relações trabalhistas); o agravamento da pobreza; e o acesso restrito ou inexistente, à moradia, ao saneamento básico, a um sistema de transporte adequado, aos bens culturais, ao lazer, à educação, entre outros.

Mas, por se tratar de uma grande cidade que faz parte do sistema global de produção, em São Paulo é possível encontrar os símbolos da globalização e do desenvolvimento tecnológico, ou seja, há uma forte presença do meio técnico-científico-informacional¹. E boa parte de sua população, inclusive de baixa renda, tem, de alguma forma, acesso a esses símbolos, o que amplia significativamente o leque de possibilidades dessa população.

No período atual há um grande número de pessoas de diferentes origens e classes convivendo nos lugares. Pessoas que, se utilizando dos objetos e da tecnologia disponível, desenvolvem formas de ação, produzem cultura e fazem política (Santos, 2000b). Nas grandes cidades esses grupos se multiplicam e se beneficiam da

disponibilidade de técnicas, em especial de comunicação e informação, para se fortalecer e buscar uma maior inserção. A análise desses grupos e de suas formas de ação contribui para a compreensão da cidade e das relações que nela se estabelecem como consequência do atual período.

Com diferentes objetivos esses grupos se organizam das mais diversas formas. Dentre eles estão as escolas de samba que, embora sejam mais conhecidas pela festa e pelo desfile propriamente dito, tem um papel muito significativo no que se refere à geração de trabalho e renda, formação, lazer, entretenimento e sociabilidade.

As escolas de samba paulistanas surgiram no início do século XX e se desenvolveram passando por diversas inovações, muitas vezes condicionadas por fatores externos, adaptando-se às transformações da metrópole, com o objetivo de se manter. Nesse processo sua produção se relaciona, em diferentes graus, com os circuitos superior e inferior da economia urbana. Relação que se intensifica na atualidade, pois o carnaval tornou-se um grande espetáculo da indústria cultural com local específico para sua realização — o sambódromo —, cobertura da mídia com transmissão para diversos países e altos investimentos públicos e privados, além de criar um grande número de postos de trabalho diretos e indiretos, movimentar um mercado de produtos específicos e ter grande potencial de incremento ao turismo.

Milton Santos (1979), analisando as especificidades dos territórios nos países subdesenvolvidos, e as enormes diferenças de renda na sociedade, chama a atenção para o fato de que o aparelho econômico tem a necessidade de se adaptar ao mesmo tempo aos imperativos da modernização poderosa e às realidades sociais. Surgem conseqüentemente dois circuitos, o circuito superior ou moderno e o circuito inferior, responsáveis não apenas pelo processo econômico, mas também pelo processo de organização do espaço. De acordo com essa proposta “(...) *o circuito superior originou-se diretamente da modernização tecnológica e seus elementos mais representativos hoje são os monopólios. O essencial de suas relações ocorre fora da cidade e da região que os abrigam e tem por cenário o país ou o exterior. O circuito inferior formado de atividades de pequena dimensão e interessando principalmente às populações pobres, é, ao contrário, bem enraizado e mantém relações privilegiadas*

com sua região. Cada circuito constitui, em si mesmo, um sistema, ou antes, um subsistema do sistema urbano” (Santos 1979, 16).

São diversos os elementos que compõem os dois circuitos, mas, simplificando, Santos (1979, 31) afirma que *“pode-se apresentar o circuito superior como constituído pelos bancos, comércio e indústria de exportação, indústria urbana moderna, serviços modernos, atacadistas e transportadores. O circuito inferior é constituído essencialmente por formas de fabricação não-“capital intensivo”, pelos serviços não modernos fornecidos “a varejo” e pelo comércio não moderno e de pequena dimensão”*.

Santos chama a atenção também para a existência de um circuito superior marginal *“constituído de formas de produção menos modernas do ponto de vista tecnológico e organizacional [que] (...) pode ser o resultado da sobrevivência de formas menos modernas de organização ou a resposta a uma demanda incapaz de suscitar atividades totalmente modernas (...) Esse circuito superior marginal tem, portanto, ao mesmo tempo um caráter residual e um caráter emergente”* (Santos 1979, 80).

Essa concepção de análise chama a atenção para o fato de que a cidade não deve ser analisada como uma máquina maciça. Mas é importante ressaltar que ela não é dualista, pois embora os circuitos sejam bipolares, eles não são duais, pois *“os dois circuitos têm a mesma origem, o mesmo conjunto de causas e são interligados”* (Santos 1979, 43).

Com a finalidade de contribuir para a compreensão da cidade de São Paulo através da análise da dinâmica territorial de suas escolas de samba, este trabalho procura analisar a produção do carnaval paulistano à luz da teoria dos dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos.

Desenvolvimento das escolas de samba: a produção e os circuitos superior e inferior

O carnaval das escolas de samba paulistano tem sua origem nos cordões carnavalescos que surgiram na cidade sob forte influência do samba rural proveniente

do interior paulista e do carnaval realizado no Rio de Janeiro naquela época. Essa manifestação carnavalesca surge ocupando a rua sem muita aceitação por parte da sociedade e sem apoio do poder público.

Dentre os primeiros grupos, ou cordões, carnavalescos estavam o Grupo Carnavalesco da Barra Funda, fundado em 1914, que posteriormente passou a ser chamado de Camisa Verde e Branco, e o Cordão Carnavalesco Vai-Vai, fundado em 1930 no bairro da Bela Vista. Ambos, em meados do século XX, passaram a se chamar “escola de samba” e hoje figuram entre as grandes campeãs do carnaval paulistano. Em 1935 surge no bairro da Pompéia a primeira agremiação a se denominar “escola de samba”, a Escola de Samba Primeira de São Paulo², e em 1937 surge na Baixada do Glicério a Escola de Samba Lavapés, a mais antiga em atividade.

Assim como os cordões, as escolas de samba se proliferaram na cidade. As diferenças entre as duas formas de manifestação não eram muito grandes, pois em ambas os integrantes desfilavam uniformizados ou fantasiados ao som de músicas com raízes africanas executadas por flautins, cavaquinhos, trombones, reco-recos, pandeiros, ganzás, tamborins, chocalhos, surdos, caixas, bumbos entre outros.

As agremiações carnavalescas paulistanas mantêm desde o início relações econômicas com diferentes segmentos da sociedade. Seja através de contribuição e doações por parte dos comerciantes de seus bairros sede, ou pela organização e patrocínio de desfiles por parte de organizações comerciais mais estruturadas, pois até meados do século XX eram comuns os concursos e batalhas de confetes realizados em bairros como Lapa, Penha, Brás, entre outros, organizados por comerciantes que viam nessas atividades a possibilidade de incrementar o comércio de seus produtos, nos quais eram premiadas as agremiações com melhor desempenho. Além disso, havia as competições realizadas na Cidade da Folia, montada no Parque Antártica, no Bairro da Água Branca, nas quais todas as entidades participantes eram premiadas. Nesse caso o objetivo dos organizadores era animar o carnaval interno do parque de diversões (Von Simson 1989).

Esses eventos no geral eram cobertos pela imprensa local e, muitas vezes, também pelos meios de comunicação mais abrangente, normalmente jornais e

revistas, e em 1967 os desfiles realizados na Lapa foram transmitidos pela TV Paulista, por iniciativa dos lojistas do bairro (Von Simson 1989, 119).

Nesse momento inicial a produção das fantasias e alegorias era realizada de forma artesanal, muitos trabalhavam em suas próprias residências ou nas residências dos dirigentes. Esse trabalho ainda não era remunerado, pois não havia muitos recursos e tampouco incentivos públicos constantes e significativos.

Em 1967, indignados com o tratamento dado pelo poder público ao desfile carnavalesco – falta de um local definido, de infra-estrutura e de algum tipo de apoio financeiro para os desfiles – uma comissão formada por representantes das agremiações reivindicaram apoio junto à prefeitura. A reivindicação foi atendida com a condição de se reorganizar toda a estrutura do carnaval e das entidades participantes.

Com a oficialização, em 1968, as agremiações passaram por diversas transformações. Por exigência do poder público se organizaram em uma instituição representativa, a Federação das Escolas de Samba, Blocos e Cordões Carnavalescos, a qual havia sido fundada em 1958, mas até então não tinha muita representatividade. Para participar do carnaval oficial os cordões foram condicionados a se tornar escolas de samba e, além disso, houve mudanças na estrutura e na organização dos desfiles. O modelo do carnaval e da estrutura das escolas de samba do Rio de Janeiro foi imposto às agremiações paulistanas, o que levou a diversas mudanças “... os *balizas* foram substituídos pela comissão-de-frente, a porta-bandeira passou a ser acompanhada pelo mestre-sala, e tornou-se obrigatória a presença das baianas. O enredo assumiu importância capital passando a definir toda a montagem do desfile. A expressão ala tornou-se corrente para definir o grupo de componentes, e a denominação “bateria” substituiu o batuque e o conjunto instrumental, sendo abolida a participação de qualquer instrumento de sopro na parte musical” (Penteado 2003, 69). Outro ponto comum era a organização de base familiar, “as Escolas de Samba assim como os Cordões, sempre traziam a marca do sistema familiar, eram formadas por pessoas da mesma família e esta característica era tão importante que dela dependia o sucesso ou o fracasso da Escola” (FESEC).

É a partir de 1968 que, de forma gradual, as relações comerciais se intensificam e se iniciam os investimentos em infra-estrutura e as subvenções por parte

da prefeitura. Mas as mudanças mais significativas ocorrem a partir de 1990 com a oficialização definitiva do carnaval paulistano, através da LEI Nº. 10.831 de 04 de janeiro de 1990, e com a inauguração do sambódromo em 1991. Pois a partir deste momento o carnaval paulistano passa a se desenvolver a passos largos e a ganhar uma dimensão nunca vista anteriormente. Outro fator importante para esse impulso foi o início das transmissões pela Rede Globo de Televisão. Esses eventos contribuíram para o desenvolvimento e a maior organização das escolas de samba, e colocaram essas entidades em evidência. Conseqüentemente ampliaram-se os investimentos públicos e privados com o objetivo óbvio de retorno financeiro.

O carnaval passou a ser visto como uma festa de grande potencial econômico não apenas nos dias dedicados a ela, mas ao longo de todo o ano. Não é por acaso que em 2003 foi criado o G5, um grupo formado por cinco escolas da zona norte – Unidos de Vila Maria, Unidos do Peruche, Mocidade Alegre, Rosas de Ouro e X-9 Paulistana – que, em parceria com o Sebrae e com a Secretaria Municipal de Turismo, desenvolvem ações de fomento ao turismo receptivo em suas quadras, através de projetos cuja finalidade é incluir as quadras nos roteiros turísticos da cidade.

A construção do sambódromo na zona norte leva a uma reconfiguração da distribuição das escolas na cidade, pois muitas escolas transferem seus barracões para áreas mais próximas e de melhor acesso ao sambódromo. Isso facilita de forma significativa o transporte das alegorias, em especial para as escolas cujos bairros sede se localizam distantes dali, mas, por outro lado, o distanciamento da produção das alegorias da sede da escola, distancia também a comunidade³ da produção material do carnaval.

O desfile se torna mais caro e luxuoso, o que exige um maior investimento. E como a disputa entre as escolas se acirra, elas passam a adotar novas estratégias de crescimento, desenvolvimento e obtenção de recursos, ganhando um caráter cada vez mais empresarial. Algumas agremiações se adaptam melhor a essa nova forma de produzir a festa, obtendo recursos e contratando profissionais, estrategicamente, para as mais diferentes funções, como, por exemplo, a contratação de profissionais de Parintins (AM) – especializados na construção de alegorias com movimentos – para construírem seus carros alegóricos, os quais permanecem em São

Paulo cerca de sete meses e trabalham a partir de uma técnica que chamam de “engenharia artesanal”. Outras agremiações, mesmo com grande tradição no samba paulistano, não acompanham as mudanças impostas por essa “evolução”, o que se torna evidente nos dias de desfile.

Observa-se também uma maior organização das escolas, tanto no que se refere à organização interna, quanto no que se refere à organização do grupo de escolas. Atualmente há duas entidades representativas: a Liga Independente das Escolas de Samba de São Paulo, fundada em 1996, responsável pelas 24 escolas do Grupo Especial e do Grupo de Acesso; e a União das Escolas de Samba Paulistanas (UESP), fundada em 1973, responsável pelas 49 escolas dos demais grupos. Essas entidades, cujos cargos estratégicos são compostos por membros das escolas, têm a função de organização e normatização, além de representar os interesses das escolas, no que se refere ao carnaval, junto ao poder público e à iniciativa privada, como, por exemplo, o recebimento e a distribuição da verba pública e da verba proveniente da venda do direito de imagem.

Como se vê as escolas e samba paulistanas passaram por uma série de inovações para se manter e acompanhar as transformações da metrópole e, embora mantenham uma série de tradições, costumes específicos e contem com uma comunidade disposta a trabalhar para a realização da festa, as escolas de samba vêm adquirindo características empresariais. Evidentemente um negócio que mobiliza um grande número de pessoas, que movimenta um montante significativo de dinheiro, criando mercado, gerando lucro, com grande poder de atração turística e com grande capacidade de crescimento, como é o carnaval paulistano, não passaria despercebido no “mundo da indústria cultural”⁴. Estima-se é que o carnaval de 2007 movimentou ao todo em torno de 35 milhões de reais na economia paulistana nos dias de festa (Jornal do Comércio 24/11/2006).

O evento que se realiza uma vez por ano conta com uma produção que se dá ao longo de todo o ano. E a nova forma de organização das agremiações resulta na criação de diversos postos de trabalho, sua produção mobiliza um mercado especializado de tecidos, plumas e uma série de especiarias indispensáveis para o brilho e a riqueza das alegorias e fantasias. As pessoas envolvidas na produção do

carnaval viram a necessidade de redefinir a forma de produzi-lo e passaram a se especializar nas diferentes etapas dessa produção.

De acordo com a Liga Independente das Escolas de Samba de São Paulo, em 2006 foram gerados mais de 25 mil postos de trabalho diretos (Agência Sebrae de Notícias 14/03/2006), e são diversos os profissionais que atuam diretamente na produção do carnaval com algum tipo de remuneração. As escolas do Grupo Especial geram entre 200 e 300 postos de trabalho direto nos meses próximos ao carnaval, número que varia de acordo com o tamanho da escola e com o valor investido.

Um estudo realizado em 2006 pela Prefeitura da Cidade de São Paulo em parceria com o Ministério do Trabalho e Emprego intitulado *Estudo prospectivo da cadeia produtiva do samba da zona norte da cidade de São Paulo* apresenta um levantamento dos profissionais e atividades envolvidas na produção do carnaval das escolas de samba da zona norte, no qual relacionam as seguintes profissões: carnavalesco, figurinista, costureira, bordadeira, cortador, aramista, aderecista, sapateiro, engenheiro de alegoria, eletricitista, mecânico, borracheiro, soldador/serralheiro, marceneiro/carpinteiro, escultor, pintor, decorador de carro alegórico, técnico de iluminação, motorista, embalador, guincheiro, segurança, coreógrafo, teatrólogo, bailarino, músico, merendeiro, caseiro, vigia, secretária, tesoureiro, relações públicas, assessor de imprensa, balconista, técnico de som, cozinheiro e laminador. O estudo afirma também há geração de empregos indiretos em “(...) 52 setores da economia como: turismo, hotelaria, alimentação, segurança, transporte, indústria, varejo, entre outros” (2006,19).

Além das profissões apresentadas, as escolas de samba atraem uma série de trabalhadores do chamado “setor informal”. Nos ensaios e no próprio desfile observa-se um grande número de vendedores ambulantes, em sua maioria comercializando bebidas e gêneros alimentícios, e de guardadores de automóveis.

O carnaval paulistano conta com uma significativa subvenção da prefeitura — no ano de 2007 a verba destinada ao carnaval é de 17,2 milhões de reais, sendo 425 mil para cada escola do Grupo Especial⁵ — e com diversos investimentos privados, como: a venda do direito de imagem para a Rede Globo de Televisão que

paga 2 milhões de reais anualmente para a Liga das Escolas de Samba, dinheiro que é repassado para as agremiações; o patrocínio de grandes empresas para os enredos anuais, no geral com valores bastante elevados, pois os investimentos das escolas do Grupo Especial na produção dos desfiles tranquilamente ultrapassam 1,5 milhão de reais; os patrocínios dos comerciantes e empresários locais para a manutenção da agremiação; e os patrocínios públicos e privados para a promoção e manutenção das diversas atividades sociais na escola de samba. De acordo com a Prefeitura de São Paulo (12/12/2006) o carnaval “(...) *anualmente recebe investimentos da ordem de R\$ 80 milhões, que envolvem patrocinadores, direito de transmissão, Prefeitura e leis de incentivo à cultura*”.

Mas, apesar de tantas transformações o carnaval não se descaracterizou a ponto de perder sua função mais importante, a festa, embora na atualidade ela apresente características diferentes daquelas observadas no passado. E as escolas de samba não perderam seu caráter popular e de sociabilidade e, além disso, têm potencial para gerar uma série de possibilidades às pessoas com elas envolvidas e são utilizadas pelas comunidades com finalidades alheias aos interesses da indústria cultural. Nas quadras das escolas as pessoas se reúnem, as relações sociais se consolidam e a produção cultural se dá. E, como lembra Milton Santos (2000, 18), “(...) *o conceito de cultura está intimamente ligado às expressões da autenticidade, da integridade e da liberdade. Ela é uma manifestação coletiva que reúne heranças do passado, modos de ser do presente e aspirações, isto é, o delineamento do futuro desejado. Por isso mesmo, de ser genuína, isto é resultar das relações profundas dos homens com o meio, sendo por isso o grande cimento que defende as sociedades locais, regionais e nacionais contra as ameaças de deformação ou dissolução de que podem ser vítimas (...). Na sociedade babelizada que é a nossa, as contaminações de uma cultura pelas outras tornaram-se possíveis industrialmente, dando lugar a uma mais forte influência daquelas tornadas hegemônicas sobre as demais, que assim são modificadas (...)*”.

O carnaval das escolas de samba na cidade de São Paulo apresenta-se como um grande espetáculo da indústria cultural, mas é também uma grande festa popular, produto de uma comunidade unida em torno de um objetivo: a produção do

carnaval em todas as suas minúcias. E, de um modo geral, as escolas de samba desempenham diversas funções para sua comunidade e reconfiguram, de certa forma, o lugar onde se localizam, além de fomentar uma série de relações sociais em suas atividades cotidianas. Sobre essas relações Alfredo Bosi (1992, 329) afirma: *“a exploração, o uso abusivo que a cultura de massa faz das manifestações populares, não foi ainda capaz de interromper para todo o sempre o dinamismo lento, mas seguro e poderoso da vida arcaico-popular, que se reproduz quase organicamente em microescalas, no interior da comunidade, apoiada pela socialização do parentesco, do vicinato e dos grupos religiosos”*.

Essas inovações na forma de produzir o carnaval, necessárias para a manutenção da festa na metrópole, são, na verdade, as características mais evidentes do carnaval paulistano. O que chama atenção, e não é tão evidente, em especial para os que acompanham este carnaval através das transmissões da Rede Globo de Televisão, é o que ocorre nas escolas de samba paralelamente à produção da festa.

É possível notar, por parte de alguns sujeitos, uma tomada de consciência da importância dessas agremiações para a sua comunidade e para a cidade de um modo geral. E, como consequência, multiplicam-se os trabalhos desenvolvidos com finalidades mercantis, mas principalmente os trabalhos desenvolvidos com a finalidade de atender as necessidades da comunidade, preenchendo, de alguma forma, as lacunas deixadas pelo poder público.

Nesse contexto desenvolvem-se diferentes trabalhos de fomento à cultura e ao lazer, de formação e capacitação profissional, de geração de trabalho e renda, de atendimento a saúde, de acessória jurídica, entre outros. Vale lembrar que alguns desses trabalhos têm relação direta com a produção do carnaval como, por exemplo, os cursos profissionalizantes que visam atender a este mercado. Esses projetos, como já foi dito, se realizam através de parcerias com organizações não governamentais, e também com a iniciativa pública e privada, e são as pessoas da própria comunidade das escolas que se organizam para a idealização e realização dos mesmos.

Evidentemente há diversos interesses envolvidos no desenvolvimento desses projetos, mas o objetivo que prevalece é a necessidade de construir algo em conjunto, de criar possibilidades de acesso e formas de superação da escassez, de

fazer da quadra da escola de samba o local de sociabilidade, de resistência e de alternativa, utilizando-se, para isso, de parcerias e das diversas leis de fomento, para a obtenção dos recursos e objetos técnicos necessários.

Considerações Finais

Essa breve reflexão sobre a dinâmica territorial das escolas de samba na cidade de São Paulo, com atenção ao viés econômico, possibilita a compreensão do processo de transformação de uma manifestação de origem popular em um negócio atraente e bastante lucrativo. Uma transformação que se caracteriza como uma forma de adaptação às novas características da cidade ao longo de seu desenvolvimento político e econômico.

Como foi possível verificar, o carnaval das escolas de samba paulistanas passou por diversas inovações, de certa forma, necessárias para a continuidade e o crescimento da festa, e se relacionou em diferentes graus com os circuitos da economia urbana. Por um lado, elas mantêm relações com o circuito superior, ou seja, com grandes empresas e órgãos públicos e privados, como por exemplo, a prefeitura de São Paulo na figura da São Paulo Turismo, o Sebrae, a Rede Globo, os demais veículos de comunicação e as diversas empresas que patrocinam a festa ou os enredos temáticos, cujos temas em boa parte são negociados, e, por outro lado, mantêm relações com o circuito inferior, ou seja, com pequenas e micro empresas, e com as mais diversas categorias dos chamados trabalhadores informais.

Atualmente as próprias escolas de samba, entidades sem fins lucrativos, se caracterizam como empresas, em especial as grandes escolas, e estão cada vez mais inseridas no contexto econômico da cidade. Uma “empresa” que ao realizar seu negócio se relaciona com empresas e indivíduos de diferentes segmentos dos dois circuitos da economia urbana. Diante disso resta a pergunta: sendo a escola de samba uma empresa, como muitos afirmam, a que circuito ela pertenceria?

No entanto, diante de tudo isso, cabe lembrar que todas essas inovações criaram novas possibilidades no que se refere à relação e à atuação das comunidades em suas agremiação. Pois as escolas de samba são, cada vez mais, utilizadas com

finalidades alheias aos interesses da indústria cultural. Como afirma Milton Santos ((2000) 2005,144) “(...) *há também – e felizmente – a possibilidade cada vez mais freqüente, de uma revanche da cultura popular sobre a cultura de massa, quando, por exemplo, ela se difunde mediante o uso dos instrumentos que na origem são próprios da cultura de massas. Nesse caso a cultura popular exerce sua qualidade de discurso dos ‘de baixo’ pondo em relevo o cotidiano dos pobres, das minorias, dos excluídos, por meio da exaltação da vida de todos os dias*”.

Por fim, as escolas de samba são entidades que têm uma importância econômica, política, social e cultural bastante significativa para a cidade de São Paulo, embora ainda pouco reconhecida. E, como se viu, a Geografia através de seu arcabouço teórico pode contribuir de forma singular para a compreensão e a análise da dinâmica territorial dessas entidades.

Bibliografia

- ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. 1985. Indústria Cultural: o esclarecimento como manifestação das massas. In: ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- AGENCIA SEBRAE DE NOTÍCIAS 14/03/2006 (in: www.unidosdevilamaria.com.br).
- BELO, Vanir. 2004. *O carnaval das escolas de samba na cidade de São Paulo: da cultura popular à indústria cultural. Um estudo de caso sobre a Unidos de Vila Maria*. TGI – DG – FFLCH/USP.
- BOSI, Alfredo. 1992. *Dialética da Colonização*. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras.
- CONH, Gabriel (org.) 1978. *Comunicação e indústria cultural*. 4. ed. São Paulo: Nacional.
- CRECIBENE, Nelson. 2000. *Convocação geral: a folia está na rua: o carnaval de São Paulo tem história de verdade*. São Paulo: O Artífice Editorial.
- FERNANDES, Nelson da Nobrega. 2001. *Escolas de Samba: sujeitos celebrantes e objetos celebrados. Rio de Janeiro, 1928-1949*. Rio de Janeiro: Secretaria das

- Culturas, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.
- FESEC — Fundação das Escolas de Samba e Entidades Carnavalescas do Estado de São Paulo. “Origem do Carnaval e das Escolas de Samba”, s/d.
- JORNAL DO COMÉRCIO. 24/11/2006. In: Agencia Sebrae de Notícias (www.interjornal.com.br).
- MORAES, José Geraldo Vinci de. 1995. *As sonoridades paulistanas: a música popular na cidade de São Paulo – final do século XIX ao início do século XX*. Rio de Janeiro: Funart.
- PENTEADO, Fernando. 2003. A origem das escolas de samba paulistanas. In: *Revista Sampa Concentração* (Publicação Oficial da Liga Independente das Escolas de Samba de São Paulo – Carnaval 2004). São Paulo, Sampa Publicações e Planejamento Editorial Ltda, ano III, n.3.
- PREFEITURA DA CIDADE DE SÃO PAULO. 12/12/2006. Ingressos para o carnaval 2007 de São Paulo já estão à venda. In: www.prefeitura.sp.gov.br/portal/a_cidade/noticias.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. 1992. *Carnaval brasileiro: o vivido e o mito*. São Paulo: Brasiliense.
- SANTOS, Milton. 1999. *A Natureza do Espaço: espaço e tempo: razão e emoção*. 3ª ed, São Paulo: Hucitec.
- _____. 2000a. Da cultura popular a indústria cultural. *Folha de São Paulo*, Caderno Mais, p.18, São Paulo.
- _____. 2000b. Lazer popular e Geração de empregos. In. *Lazer numa sociedade globalizada: Laisure in a globalized society*. São Paulo: SESC/WLRA.
- _____. 2005. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 12ª ed, São Paulo: Record.
- VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. 1989. *Branços e negros no carnaval popular paulistano 1914-1988*. Tese de Doutorado – FFLCH/USP.

¹ “Quanto ao meio *técnico-científico-informacional* é o meio geográfico do período atual, onde os objetos mais proeminentes são elaborados a partir dos mandamentos da ciência e se servem de uma técnica informacional da qual lhes vem o alto coeficiente de intencionalidade com que servem às diversas modalidades e às diversas etapas da produção” (Milton Santos, 1999:187).

² Há quem diga que esta escola e outras da mesma época eram escolas de samba apenas no nome, pois se tratava de pequenos grupos que tinham como objetivo “*acompanhar cantores em shows, rádios e lançar músicas de Carnaval*” (FESEC, “Origem do carnaval e das escolas de samba”, s/d).

³ Cabe esclarecer que neste trabalho a palavra comunidade é utilizada na forma como é concebida no “mundo do samba”, ou seja, refere-se ao grupo de pessoas envolvidas com a escola de samba, por isso, não está entre os objetivos deste ensaio debater conceitualmente o termo.

⁴ A “indústria cultural” é objeto de diversas reflexões. O termo foi utilizado pela primeira vez em 1947 por Adorno e Horkheimer, em substituição ao termo “cultura de massas”, pois, segundo Adorno, os advogados da cultura de massas se esforçam para apresentá-la, conforme sugere o termo, como uma cultura espontânea das massas, uma nova forma de manifestação popular (Conh, 1978:287). Mas na verdade a indústria cultural atribui uma nova qualidade aos elementos culturais: cria produtos padronizados e adaptados ao consumo das massas; atua, com uma estrutura empresarial, nos mais diversos ramos culturais e artísticos; e tem como objetivo o lucro e o reforço da ideologia dominante. A “cultura de massas” passou a ser definida, por diversos autores, como o produto da indústria cultural, o qual é veiculado pelos “meios de comunicação de massas” (Vanir Belo, *O carnaval das escolas de samba na cidade de São Paulo: da cultura popular à indústria cultural. Um estudo de caso sobre a Unidos de Vila Maria*. TGI – DG/FFLCH/USP. 2004, p. 13).

⁵ Informação obtida através de entrevista com o assessor técnico da presidência da São Paulo Turismo (SP Turis) Luiz Sales em entrevista no dia 07/12/2006.